

Um certo jeito de amar em Hilda Hilst

Arthur Dias de Souza

Se falo
É por aqueles mortos
Que dia a dia
Em mim se ressuscitam.
De medos e resguardos
É a alma que nos guia
A carne aflita.
E de espanto
É o que tecemos:
Teias de espanto
Ao redor
Da casa
Onde vivemos.
Trituramos cada dia
(Agonizantes amenos)
Constelações e poesia
E um certo jeito de amar
Que a nós,
De voos e vertigens,
Não convém.
E quem sabe o que convém
A seres tão exauridos?
Concedemos
Alento, nudez, lirismo.
E contudo o que mais somos
São estes sonhos
Adentros indevassáveis
Bosques
Lilazes
Caminhos levando ao mar
Aves
Aves.



[Hilda Hilst, poema do Livro *Ode Fragmentária*, 1961.]

Ressuscitar é a ação de nascer de novo. Re-nascer. Processo cristalizado em nosso imaginário ocidental pelo renascimento de Jesus, dada a dimensão que tomaram as mais variadas vertentes religiosas criadas em nome do Cristo. Nascer não é fácil. Nascer de novo também não parece ser dado ao campo das facilidades, ainda mais quando esse processo envolve as necessidades causais da matéria. Algumas doutrinas pregam a possibilidade de que todos possam fazê-lo, como parte dos mistérios do sagrado. Esse não é um texto de exegese religiosa, mas de imaginação poética nas trilhas do sagrado que brota pelo cotidiano, em relação não-institucional com o que possa haver de divino. Nessa linha, penso os primeiros versos de um poema de Hilda Hilst, do livro *Ode fragmentária* (1961), que traz a imagem da ressurreição por meio da voz poética. No poema, são mortos anônimos que ressuscitam. Assim o fazem dada à condicional colocada no primeiro verso pelo eu lírico:

Se falo
é por aqueles mortos
que dia a dia
em mim se ressuscitam.

Trata-se de um poema de estrofe única, um bloco de versos disparado pela condicional da voz que se instaura no próprio falar. A ação de falar caracterizada de modo amplo, em detrimento da escrita, uma vez que o texto não diz “se escrevo”. Se a voz poética fala, é pelos mortos que ressuscitam diariamente no eu lírico. A partir desses versos curtos, as possibilidades de leitura se proliferam e eu me pergunto o que está contido no ato de ter um morto ressuscitando em mim. É a morte de um outro que se cola à minha existência. Penso primeiro na lembrança: trago à minha memória os mortos dos quais tenho saudade. Lembro também das vezes em que eles vieram espontaneamente, sem que eu os tivesse chamado. Porém, o poema não fala explicitamente de memória: é “em mim” que eles ressuscitam, praticamente como se o fizessem no ato de andar, respirar, comer ou “falar”.

Li o poema pela primeira vez em 2020, durante os meses iniciais da pandemia de Coronavírus (Covid-19), que estava levando várias pessoas a óbito. Ele me impactou diretamente, quando a necessidade de continuar vivendo me lembrava constantemente das mortes de pessoas queridas e de milhares que eu não conhecia. Quase como se o verso “em mim se ressuscitam.” finalizasse uma



estrofe, eu tive de parar um pouco. Há um ponto final, de qualquer maneira. Eu estava vivendo a pandemia, mas essas mesmas mortes me levam a reviver todas as atrocidades que acontecem no país autoritário em que vivo, onde as minorias e os pensamentos dissidentes são logo alvo. É no leitor que esses mortos todos se ressuscitam.

Depois de respirar um pouco, eu volto a ler o poema, que continua me levando:

De medos e resguardos
É a alma que nos guia
A carne aflita.

A partir desse ponto está definido, no universo desse poema, a existência dualista da separação entre alma e corpo, sendo este chamado diretamente de “carne”. A alma é o condutor do animal carnal que somos. Essa alma cheia de “medos e resguardos” parece confirmar ou alimentar uma sensação mais imediata e direta: a carne aflita. Do ressuscitar dos mortos à aflição do corpo, o poema segue em um crescente que começa a nos arregalar os olhos. Até o momento, não há indicações de para onde a alma vai; para onde e de que maneira guia essa carne desinquieta. Um terceiro elemento incluído por meio de uma adição, no verso seguinte, parece amarrar melhor a relação entre alma e carne: o espanto.

E de espanto
É o que tecemos:
Teias de espanto
Ao redor
Da casa
Onde vivemos.

O espanto geralmente colocado como elemento gerador da matéria poética e disparador de uma percepção mais acurada, parece se colocar nesses versos como algo lento, diário, persistente, capaz de tecer uma teia que nos envolve o recôndito mais profundo, representado por nosso lar. A casa e o quarto: elementos que também aparecem em outros poemas desse livro da Hilda, que não tenho espaço suficiente neste texto para comentar. Esse espanto vem dos mortos que ressuscitam em nós? Eles são formados a partir dos medos e resguardos da alma? Ou ele é ainda outra coisa, na natureza da síntese de quem tenta, dada a condicional do primeiro verso, falar o que seja? É o ato de falar que nos estatela



e emudece muito provavelmente, pois é dolorido começar a dizer o que seja, quando estamos prostrados diante da morte, de nossos medos, da aflição da carne. O desejo paralisado.

Enquanto escrevo relembro novamente minhas primeiras leituras do poema, durante os primeiros meses mais intensos da pandemia, sem vacinas. No período em que permanecer dentro de casa era a ordem do dia. Mais uma vez, o movimento do poema me permitiu ir além do meu contexto de leitura: há quanto tempo não estamos cerrados em nossas casas? Solitariamente fechado em minhas aflições, dentro de uma vida que me propõe a alta performance individual e os méritos não compartilhados. Apesar da paralisia do eu preso na rotina de sua casa, parece-me que o poema inaugura a partir daí um novo movimento:

Trituramos cada dia
(Agonizantes amenos)
Constelações e poesia
E um certo jeito de amar
Que a nós,
De voos e vertigens,
Não convém.

Inicia-se um processo de digestão, que não é necessariamente suave e tranquilo, visto que o verbo usado é triturar. “Trituramos cada dia”. A trituração é o que possibilita a transformação e no verso seguinte, entre parênteses, noto um primeiro contraste entre duas palavras, que começa a mudar o tom do poema: “(Agonizantes amenos)”. Apesar da agonia, surge aqui conjuntamente um amenos – uma possibilidade de saída – de fazer desse processo algo mais tranquilo. Aliás, não são apenas os dias que são triturados, junto com eles trituramos: constelações e poesia. A partir dessa abertura para os céus e para a poesia, há ainda “um certo jeito de amar”, bem amplo, sem definir de que amor se trata. Por outro lado, o eu lírico define um grupo chamado de “nós”, pessoas dadas a voos e vertigens. Particulariza-se a partir desse ponto, o modo como um grupo específico reage ao processo da angústia de viver. A mudança que ocorreu no poema concretiza-se com a pergunta:

E quem sabe o que convém
A seres tão exauridos?



Está posta em jogo a definição do que seria conveniente a seres que já estão em seu limite, pensando no grupo de seres dados a voos e vertigens. Na perspectiva do sagrado, acredito que seja esse grupo justamente aquelas pessoas que enxergam o mundo de modo diverso, seja em busca de algo presente nas constelações, seja da poesia presente no chão a chão. Pessoas abertas ao sagrado cotidiano, não institucionalizado, a ser acessado de forma livre. Afinal, quem pode definir como impactam na vida das pessoas as constelações e a poesia?

Isso me lembra um texto que li bem mais recentemente, em que Marilena Chauí comenta o texto do filósofo Espinosa, ao falar sobre o desejo e a origem etimológica desse termo:

A palavra desejo tem bela origem. Deriva-se do verbo desidero, que, por sua vez, deriva-se do substantivo sidus (mais usado no plural, sidera), significando a figura formada por um conjunto de estrelas, isto é, as constelações. Porque se diz dos astros, sidera é empregada como palavra de louvor – o alto – e, na teologia astral ou astrologia, é usada para indicar a influência dos astros sobre o destino humano, donde sideratus, siderado: atingido ou fulminado por um astro. De sidera, vêm considerare – examinar com cuidado, respeito e veneração – e desiderare – cessar de olhar (os astros), deixar de ver (os astros).

Marilena não fala diretamente de Hilda nesse trecho, nem mesmo fala de poesia. Entretanto, comenta a íntima relação entre o desejo e as constelações, de modo que penso como o desejo me parece um tema central para Hilst, como é possível ver na abertura do seu livro *Do desejo* (1992):

Quem és? Perguntei ao desejo.
Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada.

Por outro lado, o poema que estou interpretando neste texto foi publicado trinta anos antes desse livro *Do desejo*. Mesmo assim, a mesma lava já aparece impulsionando os versos da voz poética, como no segundo poema do livro *Ode fragmentária* (1961):

Eis o meu quarto agora:
Cinza e lava.

Chama atenção a questão da clausura (mais uma vez a imagem do quarto) bem como a efemeridade do desejo. Qual é o limite do desejo que está posto ao ser que está enclausurado e



sozinho? Do mesmo modo, quanto dura o desejo que já é “cinza e lava” ao mesmo tempo? Penso que a questão que está posta é justamente qual é o nosso espaço de liberdade frente ao desejo: somos nós que desejamos autonomamente, mas somos nós também quem não podemos deixar de desejar, tendo sempre como fim do ciclo: a morte. Penso que a dualidade do par “agonizantes amenos” junto ao processo de “triturar cada dia” venha da reflexão sobre o limite entre a contingência (da poesia, da liberdade da poeta) e a necessidade do desejo (dos astros, constelações).

Talvez é pela universalidade do desejo que a voz poética trace “o certo jeito de amar”, que nos permite retomar também o processo de contato com os mortos do começo do poema. É nesse ponto que o leitor pode identificar-se com o grupo definido pelo poema e pensar: eu também falo pelos mortos que dia a dia em mim se ressuscitam? Eu também tenho um certo jeito de amar? Sou dado a voos e vertigens? No limite, quem não ama e não procura dar os próprios voos? Todos temos “um certo jeito de amar” que nos particulariza como sujeitos. Essa variedade de interpretações me parecem sugeridas pelo difuso endereçamento do poema, que às vezes parece um monólogo do eu lírico, outras vezes parece dirigido a um nós majestático que engloba todas as pessoas. Em outros momentos, parece haver ainda esse corte tênue que já comentei entre um certo grupo de pessoas, dado a voos e vertigens, mas que me parece ainda poder ser acessado por qualquer leitor que venha a ter contato com o poema.

Em minha visão, o conjunto final de 10 versos do poema é construído em uma tacada só, para ser lido de maneira fluida. Mesmo prendendo o fôlego, esses versos é que dão um respiro e trazem uma mudança de paisagem para o poema. Se a mudança provocada pelo “amenos” nos versos anteriores era mais relacionada às sensações internas elaboradas pela voz poética, a partir daqui se abrem novos espaços, ainda que para dentro de quem lê:

Concedemos
Alento, nudez, lirismo.
E contudo o que mais somos
São estes sonhos
Adentros indevassáveis
Bosques
Lilazes
Caminhos levando ao mar
Aves
Aves.



Apesar de considerar que esses versos formam um só bloco, há ainda uma diferenciação que eu percebo na qualificação daquilo “que mais somos”. Na definição de nosso centro, da nossa característica mais importante, para além do que nos concedemos. O verbo conceder traz a impressão de que “alento, nudez, lirismo” são coisas que nos ajudam a passar o tempo. Elementos aos quais nos permitimos nesse ciclo de medo e aflição. Porém, o que realmente somos são nossos sonhos.

O verso “adentros indevassáveis” tem a qualidade de fazer com que a paisagem do poema que se expande a partir desse ponto – lembrando do momento em que se falava das teias de espanto ao redor da casa – seja expandida para dentro. A palavra adentro – um advérbio – parece aqui se transformar em substantivo: os adentros, que transformam-se em lugares acessados internamente. Espaços tão íntimos a ponto de serem “indevassáveis”. Nossos sonhos construídos a partir de “um certo jeito de amar”, dados nossos “voos e vertigens”. Me parece que é nesse espaço que há uma possibilidade de resolver a dualidade entre necessidade e contingência do desejo: uma síntese única construída por cada sujeito. Acredito que até mesmo as paisagens do final: bosques, lilazes, caminhos levando ao mar, aves” podem ser trocadas por cada leitor, de acordo com seus próprios adentros. Provavelmente são nesses lugares ainda que ressuscitam os mortos de cada um.

REFERÊNCIAS

HILST, Hilda. *Da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CHAUÍ, Marilena. *Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

